



ATAS
I ENCONTRO DE
**HISTÓRIA
DE LOULÉ**



ARQUIVO
MUNICIPAL
DE LOULÉ



FICHA TÉCNICA

Título: Atas do I Encontro de História de Loulé

Coordenação: Rita Moreira e Nelson Vaquinhas

Autores:

Alexandra Pires

Ana Pratas

Artur Ângelo Barracosa Mendonça

Daniel Giebels

Filipe Henriques

Isabel Luzia

Joana Balsa de Pinho

João Romero Chagas Aleixo

José Alberto Rodrigues da Silva Tavim

José Carlos Vilhena Mesquita

Luís Filipe Oliveira

Luís Miguel Duarte

Luísa Fernanda Guerreiro Martins

Marco Sousa Santos

Maria de Fátima Machado

Maria Helena Nunes

Paginação: Iconik

Capa: Susana Leal

Imagem da capa: Azulejos da Ermida de Nossa Senhora da Conceição, Loulé.

Imagem da contracapa: Registo de documentos relativos aos funcionários da Câmara Municipal de Loulé - PT/AMLLE/AL/CMLLE/C/B/01/liv.001.

Edição: Câmara Municipal de Loulé - Arquivo Municipal

Local de edição: Loulé

Data de edição: 2018

Tiragem: 300 exemplares

Impressão: Rainho & Neves

ISBN: 978-989-54196-0-9

Depósito legal: 444348/18

Os textos publicados são da inteira responsabilidade dos seus autores.

ÍNDICE

CONFERÊNCIA INAUGURAL

Loulé e o Algarve nas Cortes Medievais Portuguesas Luís Miguel Duarte	7
--	---

PATRIMÓNIO E LEGADOS

O acervo conquífero romano do <i>vicus</i> portuário Cerro da Vila, Vilamoura, Loulé Filipe Henriques, Ana Pratas	21
---	----

Pontes romanas em Loulé? Isabel Luzia	43
--	----

As muralhas de Loulé Alexandra Pires	61
---	----

SOCIEDADE, PODERES E ECONOMIA

A conquista, o padroeiro e os priores de Loulé Luís Filipe Oliveira	73
--	----

Judeus de Loulé nos séculos XIV-XV: no prolongamento do al-Andalus José Alberto Rodrigues da Silva Tavim	91
--	----

ESPÓLIO DOCUMENTAL – VALORIZAÇÃO E PRESERVAÇÃO

As marcas de água do Arquivo Municipal de Loulé (séculos XIV e XV) Maria de Fátima Machado	111
---	-----

A carta de curso inédita de um bacharel louletano de Quinhentos (1539) Marco Sousa Santos	129
---	-----

Recuperação e valorização de documentos do Arquivo de Loulé – Desafios e metodologias de intervenção Maria Helena Nunes	139
---	-----

INSTITUIÇÕES E QUOTIDIANO

- Dinâmicas confraternais seiscentistas na Misericórdia de Loulé:
o contributo dos *Livros de despesa e receita*
Joana Balsa de Pinho **153**
- Loulé em processos da Inquisição (sécs. XVI-XVIII)
Daniel Giebels **169**
- A terra tremeu e a vida continuou. Quadro da vida quotidiana
do concelho de Loulé em meados do século XVIII
Luísa Fernanda Guerreiro Martins **189**

OS HOMENS, OS CONFLITOS E OS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS

- Loulé no contexto político e socioeconómico das lutas Liberais
José Carlos Vilhena Mesquita **207**
- Marçal Pacheco. Um político algarvio do século XIX
Artur Ângelo Barracosa Mendonça **233**
- A imigração de andaluzes para a vila de Loulé ao longo do século XIX
João Romero Chagas Aleixo **255**

A Imigração de Andaluzes para a Vila de Loulé ao longo do século XIX

João Romero Chagas Aleixo *

*Instituto de História Contemporânea – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Resumo: A imigração de andaluzes para a vila de Loulé ao longo do século XIX. De onde vieram? Quais foram os principais «*pueblos*» emissores de imigrantes andaluzes para Loulé? Quais foram as principais dinâmicas temporais desse processo migratório? Quais foram os principais motivos que estiveram na base dessa sucessiva imigração ao longo de todo o século XIX? Qual o papel desempenhado pelos imigrantes andaluzes no desenvolvimento do comércio, da indústria e dos serviços na vila de Loulé? Qual o papel desempenhado pelos imigrantes andaluzes na implementação de algumas (novas?) indústrias na vila de Loulé? Ter-se-ão formado comunidades fechadas de imigrantes espanhóis ou, pelo contrário, estes integraram-se na sociedade local? E, se sim, de que forma foi realizada essa integração? Qual foi a influência sócio-política dos imigrantes andaluzes nas terras em que se estabeleceram?

Palavras-chave: Algarve; Andaluzia; Migrações inter-regionais; Século XIX.

1. Introdução

Em Abril de 1774 o bacharel José Viegas de Andrade escrevia um suplemento ao seu *Memorial Económico do Reino do Algarve*, que, em Dezembro de 1770, tinha entregue ao Marquês do Pombal. O *Memorial Económico* e o seu *Suplemento* traçavam «o diagnóstico dos males de que o Algarve sofria e dos remédios a aplicar»¹. Assim sendo, no *Suplemento que fez o Bacharel Jozé Viegas de Andrade Auditor do Regimento de Infantaria de Lagos, ao Memoreal Económico, e Político sobre a Agricultura, Comércio, e Pescarias do Reino do Algarve*, datado de Abril de 1774, podia-se ler a seguinte inscrição:

«Os Castelhanos de Vilhablanca, Casteleijo, Almendro, Paymogo, e de outros lugares dos Condados de Ayamonte, e Niebla, vem ao Reino do Algarve vender por miudo fazendas, vidros, especiarias etc contra as leys da Pragmatica no Cap. 18, e de 19 de Novembro de 1757; traficão em azeites, e mel, que da mesma sorte vendem por miúdo pelas Povoações, sendo fructos do Algarve. Elles são ahi os que fazem a sera, e muitas vezes levão para Hespanha com pelles, cabruas em verde apezar da prohibição; porque elles, sendo mui praticos nas varedas, e caminhos pouco frequentados, passão o Guadiana entre Mertola

1. Cf. Joaquim Romero MAGALHÃES, «Uma proposta das Luzes para a economia do Algarve», in *O Algarve na Época Moderna. Miunças 2*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra e Universidade do Algarve, 2012, p. 307.

e Castromarim na extensão de onze legoas. Estes Castelhanos se demorão nas Povoações do Algarve, e no fim do anno, ou no tempo que lhes-he conveniente, vão ás suas cazas, e em Hespanha se demorão somente a fazer as vendas do que levão, e aпроverem-se dos generos, em que traficão com bastante variedade, e lanção mão a toda a sorte de pequenos enterrasses, que podem advertir. Os Andaluizes são os maes habeis, e animozos contrabandistas»².

Ora, de acordo com José Viegas de Andrade, já em 1774, eram os andaluizes «os maes habeis, e animozos contrabandistas» a mercanciar por terras algarvias.

Por ora ainda não se sabe muito sobre a migração de andaluizes para a vila de Loulé, ao longo do século XIX. Sabem-se alguns aspectos, porém, todos eles, ainda dispersos. Quem eram? Quantos vieram? A que sectores de actividades se dedicaram? Como se socializaram entre si e a população local? Tudo perguntas de não fácil resposta.

Deste modo, o que a seguir vos apresentarei são alguns apontamentos e/ou linhas de investigação que, neste momento, estou a desenvolver no âmbito da investigação que me encontro a realizar para a produção da minha tese de doutoramento.

2. Alguns números:

Procedendo-se à análise dos 47.037 registos de baptismo realizados na paróquia de São Clemente, entre 1800 e 1905, verifica-se que o número de crianças baptizadas, tendo, pelo menos, um dos seus pais naturais da Andaluzia é o seguinte:

Número de baptizados, com pais andaluizes, na paróquia de São Clemente

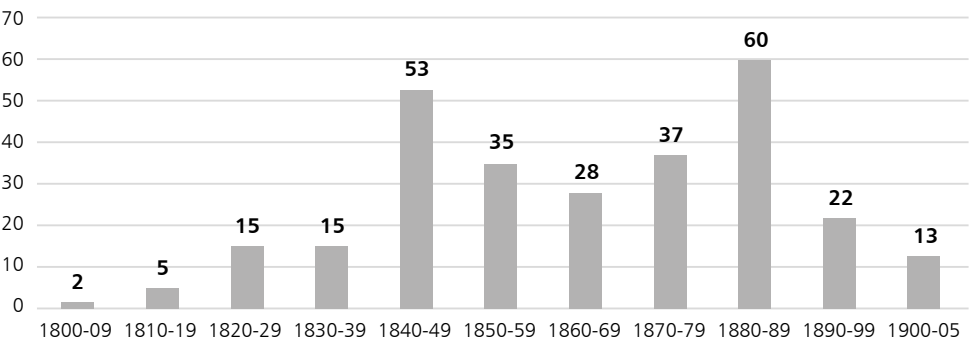


Figura n.º 1: Número de crianças com pais andaluizes baptizadas na paróquia de São Clemente, entre 1800 e 1905

Fontes: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Livros de registos de baptismo da Paróquia de São Clemente, Loulé, 1800-1851*; Arquivo Distrital de Faro, *Livros de registos de baptismo da Paróquia de São Clemente, Loulé, 1851-1905*.

De seguida apresenta-se, para a mesma cronologia, o número de crianças baptizadas, tendo, pelo menos, um dos seus avós naturais da Andaluzia:

2. Cf. Biblioteca Privada do Dr. Alberto IRIA, *Suplemento que fez o Bacharel Jozé Viegas de Andrade Auditor do Regimento de Infantaria de Lagos, ao Memoreal Económico, e Político sobre a Agricultura, Comércio, e Pescarias do Reino do Algarve*, de Abril de 1774, fls 41 e 41 v.º.

Número de baptizados, com avós andaluzes, na paróquia de São Clemente

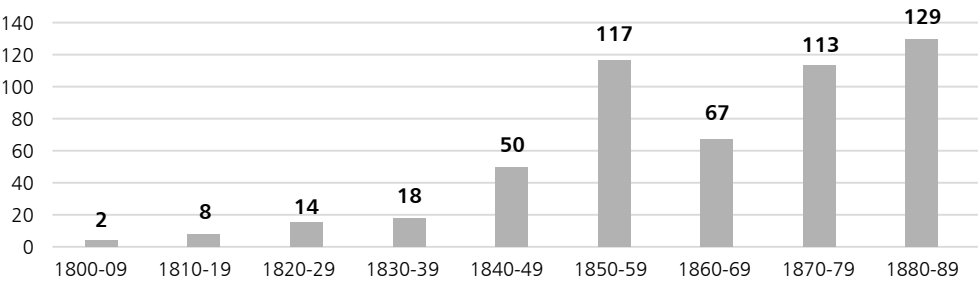


Figura n.º 2: Número de crianças, com avós andaluzes, baptizadas na paróquia de São Clemente, entre 1800 e 1889

Fontes: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Livros de registos de baptismo da Paróquia de São Clemente, Loulé, 1800-1851*; Arquivo Distrital de Faro, *Livros de registos de baptismo da Paróquia de São Clemente, Loulé, 1851-1905*.

N.º de crianças baptizadas, com pais e/ou avós andaluzes, na paróquia de São Sebastião

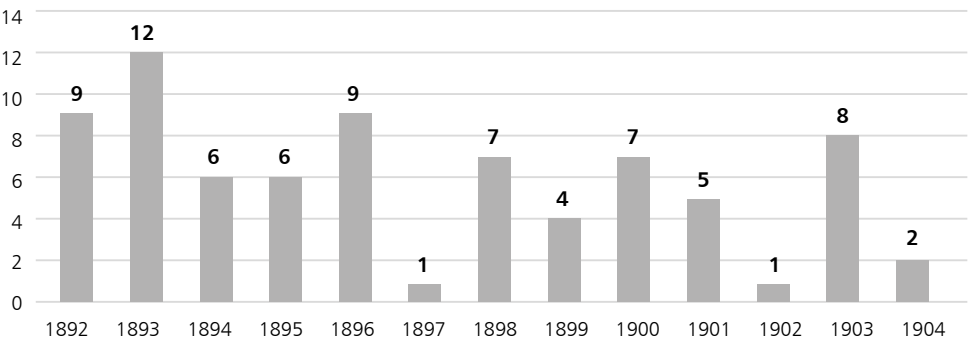


Figura n.º 3: Número de crianças baptizadas com ascendência directa (pais ou avós) naturais da Andaluzia, na paróquia de São Sebastião, entre 1891 e 1905

Fontes: Arquivo Distrital de Faro, *Livros de registos de baptismo da Paróquia de São Sebastião, Loulé, 1891-1905*.

Quadro n.º 1:

	Total de Pais	Pais	Mães	Total dos Avós	Avós Paternos	Avós Maternos
Total de Andaluzes	285	161	124	518	291 (139+152)	227 (121+106)
Villanueva de los Castillejos	141	93	48	313	134 (62+72)	179 (93+86)
% de naturais de Villanueva de los Castillejos	49,47%	59,63%	38,71%	60,42%	46,05%	78,85%

Fontes: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Livros de registos de baptismo da Paróquia de São Clemente, Loulé, 1800-1851*; Arquivo Distrital de Faro, *Livros de registos de baptismo da Paróquia de São Clemente, Loulé, 1851-1905*.

Isto é: 285 crianças baptizadas com, pelo menos, um dos pais naturais da Andaluzia. Se analisarmos, somente, a percentagem relativa de pais naturais de Villanueva de los Castillejos, chega-se aos seguintes números: pais, cerca de 60%; e mães, cerca de 39%.

Quadro n.º 2: Quadro-resumo dos baptizados na paróquia de São Clemente tendo, pelo menos, um ascendente directo (pais ou avós) naturais da Andaluzia, por décadas.

Décadas	Baptizados	Número total de pais e de avós andaluzes	Número total de pais andaluzes	Número total de avós andaluzes
1800-09	2.925	4	2	2
1810-19	3.244	13	5	8
1820-29	3.721	29	15	14
1830-39	3.885	33	15	18
1840-49	4.474	103	53	50
1850-59	4.059	152	35	117
1860-69	5.271	95	28	67
1870-79	5.981	150	37	113
1880-89	6.929	189	60	129
1890-99	4.256	22	22	Não existe informação
1900-05	2.292	13	13	Não existe informação
Total	47.037	803	285	518

Fontes: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Livros de registos de baptismo da Paróquia de São Clemente, Loulé, 1800-1851*; Arquivo Distrital de Faro, *Livros de registos de baptismo da Paróquia de São Clemente, Loulé, 1851-1905*.

Pode-se assim concluir que, no que ao número de crianças baptizadas na paróquia de São Clemente com pais ou avós andaluzes diz respeito, houve um pico quantitativo entre as décadas de 1840 e de 1880. A partir da década de 1890, esse número entra numa tendência decrescente uma vez que é criada uma nova paróquia na malha urbana da vila. Criada, por decreto, a 13 de Agosto de 1890, a paróquia de São Sebastião vai, a partir dessa altura, concentrar a esmagadora maioria da comunidade andaluza residente na vila de Loulé, dado que a mesma comunidade residia na parte mais recentemente urbanizada da vila.

No que diz respeito à paróquia de São Sebastião, e analisando-se agora o mesmo tipo de registos de baptismo para o período compreendido entre 1891 e 1905, chega-se à seguinte conclusão:

Quadro n.º 3: Número de baptizados na paróquia de São Sebastião tendo, pelo menos, um dos pais naturais da Andaluzia

	Total de Pais	Pais	Mães
Total de Andaluzes	66	40	26
Villanueva de los Castillejos	32	25	7
% de naturais de Villanueva de los Castillejos	48,48%	62,5%	26,92%

Fontes: Arquivo Distrital de Faro, *Livros de registos de baptismo da Paróquia de São Sebastião, Loulé, 1891-1905*.

Isto é: 66 crianças baptizadas com, pelo menos, um dos pais naturais da Andaluzia. Sendo que, do total de pais andaluzes, cerca de 62,5% dos pais e 27% das mães eram naturais de Villanueva de los Castillejos.

Quadro n.º 4: Número de baptizados na paróquia de São Sebastião tendo, pelo menos, um dos pais naturais da Andaluzia, por décadas.

Décadas	Baptizados	Total de Pais	Número de Pais	Número de Mães
1891-1899	2.866	46	30	16
1900-1905	2.175	20	10	10
Total	5.041	66	40	26

Fontes: Arquivo Distrital de Faro, *Livros de registos de baptismo da Paróquia de São Sebastião, Loulé, 1891-1905*.

3. Causas da imigração andaluza para a vila de Loulé

Sabe-se que a migração de andaluzes para o Algarve, em geral, e para a vila e o concelho de Loulé, em particular, foi um fluxo geograficamente muito localizado, maioritariamente oriundo da província de Huelva, mais especificamente do seu Andévalo.

A província andaluza de Huelva encontra-se dividida administrativamente em seis comarcas³, sendo que cada comarca se encontra dividida em municípios, num total de setenta e nove para o conjunto de toda a província.

O Andévalo (ou El Campo de Andévalo, como, por vezes, também é designado) é uma dessas seis comarcas históricas da província de Huelva. Situa-se geograficamente entre a Serra de Aracena e a fronteira com Portugal. É composto por quatorze municípios⁴, entre os quais se encontram os municípios maiores emissores de emigrantes para a vila de Loulé ao longo do século XIX, como, por exemplo: Alosno, El Almendro, Paymogo, mas, sobretudo, Villanueva de los Castillejos. O Andévalo ocupa uma superfície de 2.510 km², ou seja, cerca de 46% da superfície total da região algarvia⁵.

O antropólogo Rafael Cáceres Feria refere alguns factores que, segundo ele, ajudam a explicar esta migração da população do Andévalo para o Algarve: facilidade e centralidade das vias de comunicação entre as duas regiões⁶; baixo desenvolvimento agrícola, provocado pela pobreza dos solos – maioritariamente compostos por xisto – e pelo clima árido do Andévalo Ocidental⁷; e a estrutura, em regime de latifundiário, da propriedade das terras⁸.

3. As seis comarcas da província de Huelva são as seguintes: El Andévalo, El Condado de Niebla, Costa Occidental, Cuenca Minera, Comarca Metropolitana de Huelva e Sierra de Aracena.

4. O Andévalo andaluz (ou El Campo de Andévalo) é composto pelos seguintes quatorze municípios: Alosno, Cabezas Rubias, Calañas, El Almendro, El Cerro de Andévalo, El Granado, Paymogo, Puebla de Guzmán, San Bartolomé de la Torre, Sanlúcar de Guadiana, Santa Bárbara de Casa, Valverde del Camino, Villanueva de las Cruces e Villanueva de los Castillejos.

5. A superfície total do Algarve é de 5.412 km², enquanto que o Andévalo tem a superfície de 2.510 km².

6. Cf. CÁCERES FERIA, Rafael, «El Andévalo: Una Mirada Desde La Antropología», in AA. VV., *El Andévalo: territorio, historia y identidad (actas de las I Jornadas del Patrimonio de El Andévalo, Alosno, Huelva, 19 y 20 Noviembre 2010)*, Huelva, Disputación de Huelva, 2011, p. 45.

7. Cf. *ibidem*, p. 49.

8. Cf. *ibidem*.

Estudo de grande relevância é a obra *La batalla de Castillejos y la Guerra de la Independencia en el Andévalo Occidental* (2010), da autoria dos investigadores Mira Toscano, Villegas Martín e Suardíaz Figuereo. Este trabalho faz referência ao que aconteceu em Villanueva de los Castillejos e em El Almendro, as duas maiores fontes de migração de andaluzes para o Algarve, durante a Guerra da Independência (1808-1814). Villanueva de los Castillejos e El Almendro foram, durante trinta e dois meses, convertidas em centro de operações (Quartel-General) das tropas espanholas na região do Andévalo⁹. Por tal facto, foram dos *pueblos* que mais sofreram com a Guerra da Independência, tendo, entre Julho de 1810 e Agosto de 1812, sofrido, cada um deles, dezassete invasões, com «repetidas tiranas imbaciones, robos, y saqueos», por parte das tropas francesas¹⁰.

Ao longo do estudo, os autores não se cansam de referir a enorme partida de «vecinos» de Villanueva de los Castillejos e da povoação vizinha de El Almendro rumo a Portugal. As motivações para esse fenómeno migratório eram múltiplas e variadas. A fuga ao alistamento no exército espanhol¹¹. A fuga à incorporação forçada nos batalhões franceses, que, em grande parte das vezes, recorria ao recrutamento das pessoas residentes nos *pueblos* por eles ocupados¹², e o escape à ruína das povoações, provocada pelas sucessivas invasões francesas¹³.

Ao analisarem os documentos da época, os autores descobrem um novo termo: «transmigración»¹⁴, que, segundo eles, foi criado para fazer «referencia al rápido proceso de despoblamiento y emigración que condujo a un gran número de vecinos de Villanueva de los Castillejos¹⁵ e El Almendro¹⁶ hacia otros lugares, especialmente Portugal y algunos pueblos de la costa»¹⁷.

Mas porquê a escolha do Algarve? «La elección de Portugal como destino por parte de estos emigrados respondía a la mayor seguridad que podían ofrecer aquellas tierras, protegidas por la barrera natural del río Guadiana. A pesar de que el país vecino también se encontraba en guerra contra Francia, los focos bélicos más importantes se hallaban más al norte (frontera de Olivenza o de Badajoz, plazas fuertes de Campo Mayor o Elvas) y no hay constancia por estas fechas de incursiones galas en territorio portugués inmediato a Villanueva de los Castillejos, lo que aliviaba al menos de suministrar al enemigo y de sufrir sus saqueos. Además, las estrechas relaciones desarrolladas tradicionalmente entre los habitantes de ambos territorios, tal vez con el recuerdo de

9. Cf. MIRA TOSCANO, Antonio, VILLEGAS MARTÍN, Juan, SUARDÍAZ FIGUERO, Antonio, *La batalla de Castillejos y la Guerra de la Independencia en el Andévalo Occidental*, Huelva, Diputación de Huelva, 2010, pp. 187-188.

10. Cf. *ibidem*, p. 188 e pp. 196-197.

11. Cf. *ibidem*, p. 188 e pp. 190-191.

12. Cf. *ibidem*, p. 190.

13. Cf. *ibidem*, p. 188.

14. Cf. Antonio MIRA TOSCANO, Juan VILLEGAS MARTÍN e Antonio SUARDÍAZ FIGUERO, *op. cit.*, p. 212.

15. «[...] puede observarse la notable reducción del vecindario de Villanueva entre 1809 y 1810, en los momentos claves de la ocupación del territorio de la actual provincia por los franceses. Aunque no podemos cuantificarlo en los años siguientes, es muy probable que este descenso continuara con fuerza, pues las actas siguen hablando de emigración y falta de habitantes» (cf. Antonio MIRA TOSCANO, Juan VILLEGAS MARTÍN e Antonio SUARDÍAZ FIGUERO, *op. cit.*, p. 215).

16. Entre 1810 e 1812, El Almendro perde cerca de 90% da sua população (p. 215). E em 1813, a população de El Almendro era sensivelmente cerca de um terço da população da vila antes das invasões francesas, uma vez que, segundo os autores, em 1810 El Almendro teria cerca de «400 vecinos», para, em 1813, ter apenas «130 vecinos» (cf. MIRA TOSCANO, Antonio, VILLEGAS MARTÍN, Juan, SUARDÍAZ FIGUERO, Antonio, *op. cit.*, pp. 214-215).

17. Cf. Antonio MIRA TOSCANO, Juan VILLEGAS MARTÍN e Antonio SUARDÍAZ FIGUERO, *op. cit.*, p. 212.

una importante emigración portuguesa al Andévalo en el siglo XVIII, ofrecían el marco adecuado para que los emigrados de Villanueva y El Almendro encontraran, a pesar de las estrecheces de la situación, el acomodo preciso»¹⁸. Na maioria dos casos, essa imigração não «se viera como una circunstancia temporal, sino como una solución definitiva»¹⁹. Para, de seguida, acrescentarem: «Estos emigrados solían ser los vecinos de mayores recursos, de modo que, instalados ya de manera estable en Portugal e incorporados a su sistema productivo, detraían de sus villas de origen no sólo capital humano, sino también económico»²⁰.

Por outro lado, nos vários estudos sobre a Guerra da Independência na fronteira Sul hispano-portuguesa de que é autor o historiador Saldaña Fernández, este, apresenta um outro conjunto de factores. Em primeiro lugar, «el refugio de prófugos y desertores de sus propios ejércitos»²¹. O autor explica: «En efecto, el recurso a la desertión no fue inusual entre aquellos individuos obligaos – mediante el cupo de cada pueblo – a formar parte de las tropas, hecho que acentuaria, como cabe suponer, en las áreas rayanas. Así pues, desde la perspectiva de los mandos del Condado, las tierras portuguesas tendrían un doble significado: por una lado, un territorio substancial para la supervivência y mantenimiento de sus partidas, y por outro, un espaço extraño, al margen de su control directo, que estaba propiciando la continua pérdida de efectivos. Una situación de constante merma que obligaría a enviar comisionados y solicitar el auxilio de los poderes portugueses»²².

O historiador refere o facto de a migração de andaluzes para Portugal se encontrar facilitada pela proximidade geográfica: a facilidade em transpor a fronteira natural – o rio Guadiana. O autor dá-nos conta, ainda, da existência de outras motivações que estiveram na base desse fluxo migratório. O «deseo de los habitantes de la región de eximirse, entre otras, de sus obligaciones militares. De hecho, para parte de la población Portugal representó también una zona de resguardo frente a unas tropas patriotas enormemente exigentes y predatoras»²³. Pretendiam não só escapar às obrigações militares (alistamento militar), como, também, à obrigatoriedade de terem de suportar, através dos seus próprios bens, o abastecimento dos exércitos²⁴.

Por outro lado, Portugal, e principalmente a região algarvia, «también constituyó en ocasiones un territorio de resguardo para eludir, entre otros, la acción de la justicia o los compromisos políticos, y asimismo, un espacio de comercialización y transacción económica»²⁵.

Mas não foi só a Guerra da Independência a provocar a migração de andaluzes para a região algarvia, em geral, e para a vila de Loulé, em particular. As três guerras civis que ocorreram na Espanha de *Novecentos*, as chamadas três Guerras Carlistas de sucessão ao trono (1833-1840; 1846-1849; 1872-1876), também a isso obrigaram. Os andaluzes migravam em duas situações concretas: ou para não serem incorporados

18. Cf. *ibidem*, pp. 213-214.

19. Cf. *ibidem*, p. 214.

20. Cf. *ibidem*.

21. Cf. José SALDAÑA FERNÁNDEZ, «La Guerra de la Independencia en la Frontera Sur Hispano-Portuguesa: Un Espacio Para La Reflexión», in CARRIAZO RUBIO, Juan Luis (ed.), *Fortificaciones, Guerra y Frontera en el Marquesado de Gibraleón*, Huelva, Diputación Provincial de Huelva, Servicio de Publicaciones, 2012, p. 288.

22. Cf. *ibidem*.

23. Cf. José SALDAÑA FERNÁNDEZ, *art. cit.*, p. 291.

24. Cf. BUTRÓN PRIDA, Gonzalo e SALDAÑA FERNÁNDEZ, José, «Algarve-Huelva-Cádiz: un eje clave en la Guerra de la Independencia», in *Erebea. Revista de Humanidades y Ciencias Sociales*, n.º 2, 2012, p. 327.

25. Cf. José SALDAÑA FERNÁNDEZ, *art. cit.*, p. 292.

nos respectivos exércitos, ou, já neles incorporados, acabavam por desertar. Situação que obrigou o governo espanhol a criar legislação em 1875, revogada posteriormente em 1897, que impedisse a saída de súbditos espanhóis do seu reino, prevendo, inclusive, a captura de todos os indivíduos que tentassem sair do reino sem que, para tal, apresentassem os necessários requisitos²⁶.

4. A comunidade andaluza radicada em Loulé: comércio, indústria e serviços

Prova inegável do poderio comercial e económico da comunidade andaluza a residir na vila de Loulé são os inúmeros anúncios publicitários às suas variadas actividades comerciais. Analisando a imprensa local entre 1898 e 1910²⁷, é possível encontrar perto de meia centena de diferentes anúncios publicitários a negócios e a casas comerciais tendo andaluzes como proprietários.

Esses determinados estabelecimentos comerciais localizavam-se, esmagadoramente, na área da recém constituída freguesia de São Sebastião – criada, como já anteriormente foi referido, em 1890 – nomeadamente nas seguintes artérias: Rua de São Sebastião (actual Rua 5 de Outubro), Largo de São Francisco, Rua e Largo da Barbacã (actual Rua da Barbacã), Largo do Chafariz (actual Praça Afonso III) e, ainda, na Rua da Praça (actual Praça da República), esta última situada na freguesia de São Clemente. Estabelecimentos, esses, que comercializavam os mais variados e diversos produtos.

Deste modo, os andaluzes residentes em Loulé no final do século XIX e no início do século XX eram proprietários de, entre outras, as seguintes casas comerciais: duas drograrias²⁸, duas mercearias²⁹, dois botequins³⁰, uma geladaria (sorveteria)³¹, duas ourivesarias e relojoarias³², sete lojas de fazendas³³, uma loja de mobiliário³⁴ e três casas onde se comerciava palma e esparto³⁵.

Mas não só ao comércio se dedicava esta empreendedora comunidade. Havia também quem se dedicasse à indústria (p. ex.: indústria dos sabões, indústria da cera³⁶,

26. Cf. Archivo General de la Administración (A.G.A.), *Disposiciones para evitar que los respectivos súbditos eludan las obligaciones penales o del servicio militar*, Sección IX – Comercio, Emigración. Letras H-V, caixa 54/1703.

27. Para este período consultaram-se os seguintes periódicos, todos eles, sedeados na vila de Loulé: *O Pregoeiro*, 1898-1901; *Folha do Sul*, 1902-1905; *Folha de Loulé*, 1905-1907; *Jornal de Anuncios*, 1907-1910.

28. Ventura de Sousa Barbosa (cf. *O Pregoeiro*, n.º 1, de 4 de Agosto de 1898, p. 4); Manoel Rodrigues Corrêa (cf. *ibidem*).

29. Marcos Domingues Martins (cf. *O Pregoeiro*, n.º 15, de 10.11.1898, p. 3).

30. Fernando Alvares Romero (cf. *O Pregoeiro*, n.º 105, de 9.08.1900, p. 1).

31. Fernando Alvares Romero (cf. *O Pregoeiro*, n.º 135, de 13 de Junho de 1901, p. 1).

32. Ventura de Sousa Barbosa (cf. MARTINS, Isilda Maria Renda, *Loulé no século Vinte. 1.º volume – Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, Loulé, edições Colibri e Câmara Municipal de Loulé, 2001, p. 113); Francisco Formosinho Macias (cf. *O Pregoeiro*, de 5 de Abril de 1900 e MARTINS, Isilda Maria Renda, *op. cit.*, p. 113).

33. Pablo Garcia Delgado (cf. *O Pregoeiro*, n.º 1, de 4 de Agosto de 1898, p. 4); José Féria Corrêa, conhecido popularmente por Pepe (cf. *O Pregoeiro*, n.º 77, de 25.01.1900, p. 2.); Bartholomeu R. Rodrigues (cf. *O Pregoeiro*, n.º 130, de 9 de Maio de 1901, p. 1); Sebastião Martins Peres Gomes (cf. *Folha do Sul*, n.º 5, de 2 de Fevereiro de 1902, p. 4); Domingos Rodrigues Marques (cf. *Folha do Sul*, n.º 9, 2.03.1902, p. 3); Marcos Domingues Martins (cf. *Folha do Sul*, n.º 9, 2.03.1902, p. 3); Manoel Rodrigues Corrêa (cf. *Folha do Sul*, n.º 62, de 1.03.1903, p. 3).

34. Manoel Rodrigues Corrêa (cf. *O Pregoeiro*, n.º 106, de 16 de Agosto e 1900, p. 4).

35. Manoel Rodrigues Corrêa (cf. MARTINS, Isilda Maria Renda, *op. cit.*, p. 111); Francisco Barbosa Formosinho (cf. *ibidem*); Sebastião Martins Peres Gomes (cf. *ibidem*).

36. Sebastião Rodrigues Formosinho e José Rodrigues Formosinho (cf. *ibidem*).

indústria da fiação³⁷ e indústria da confecção e vestuário³⁸) e aos serviços (p. ex.: agente bancário³⁹, agente de seguros⁴⁰, agente da Companhia dos Tabacos de Portugal⁴¹, serviço de transporte a tracção animal⁴² e aluguer de carruagens⁴³).

De seguida, dar-vos-ei alguns exemplos de anúncios publicitários a casas comerciais, propriedade de andaluzes radicados na vila de Loulé, publicados na imprensa local louletana, entre 1898 e 1908⁴⁴, ordenados por antiguidade do primeiro anúncio. Como se pode confirmar através das suas moradas, as casas comerciais ficavam praticamente todas localizadas nas cinco artérias atrás referidas. Veja-se o seguinte quadro:

Quadro n.º 5:

Proprietário	Comércio	Morada	Ano do primeiro anúncio
Ventura de Souza Barbosa	Arcos de ferro para vasilhame	Rua da Praça, 47 a 49	1898 ⁴⁵
Ventura S. Barbosa	Estabelecimento de ferragem, drogas, tintas, vernizes, quinquilharias e mobília.	Rua da Praça, 47 a 49	1898 ⁴⁶
Manoel Rodrigues Corrêa	Armazém de fazendas / Estância de madeiras em Faro e em Loulé / Relojoaria / Agencia da Companhia dos Tabacos de Portugal nos concelhos de Loulé e de Albufeira / Exportador de frutos e de obra de palma		1898 ⁴⁷
Pablo Garcia Delgado	Estabelecimento de fazendas	Rua de São Sebastião, 68-74 e Largo da Barbacã, 10-12	1898 ⁴⁸
Pablo Garcia Delgado	Carreira de carruagens entre São Braz e a estação	Casa de Manoel Martins Domingues	1898 ⁴⁹ (Ainda em 1903)

(cont...)

37. Manoel Rodrigues Corrêa (cf. *ibidem*, p. 99).

38. Manoel Rodrigues Peres (cf. *ibidem*, p. 100); Manuel Formosinho Macias (cf. *ibidem*, p. 100).

39. Manoel Rodrigues Corrêa (cf. *ibidem*, p. 112).

40. Manoel Rodrigues Corrêa (cf. *O Pregoeiro*, n. 1, de 4 de Agosto de 1898, p. 4).

41. Manoel Rodrigues Corrêa (cf. *ibidem*).

42. Pablo Garcia Delgado (cf. *ibidem*). Serviço de transporte entre Loulé e São Brás de Alportel e entre Loulé e a estação dos caminhos-de-ferro.

43. José Rodrigues Peres e Pablo Garcia Delgado (cf. *Folha do Sul*, n.º 78, 28.06.1903, p. 4 e cf., igualmente, MARTINS, Isilda Maria Renda, *op. cit.*, p. 114).

44. Cf. *O Pregoeiro*, Loulé, 1898-1901; *Folha do Sul*, Loulé, 1902-1905; *Folha de Loulé*, Loulé, 1905-1907; *Jornal de Annuncios*, Loulé, 1908.

45. Cf. *O Pregoeiro*, n.º 1, de 4 de Agosto de 1898, p. 2.

46. Cf. *ibidem*, p. 4.

47. Cf. *ibidem*.

48. Cf. *ibidem*.

49. Cf. *ibidem*.

(...cont.)

Proprietário	Comércio	Morada	Ano do primeiro anúncio
Manoel Rodrigues Corrêa	Agente da Companhia de Seguros Tagus		1898 ⁵⁰
Marcos Domingues Martins	Mercearia	Alto da rua das Lojas	1898 ⁵¹
Labaura & Pepe	Comércio de palma		1899 ⁵²
José Féria Corrêa (Pépe)	Loja de fazendas (pelo de cabra)	Largo da Barbacã, 14 e rua de São Sebastião, 62-63	1900 ⁵³
Fernando Alvares Romero	Botequim	Largo de São Francisco	1900 ⁵⁴
Francisco Domingues Barbosa (Paco)	Venda de pipas ⁵⁵	Largo do Chafariz	1900 ⁵⁶
Sebastião Raphael Garcia	Venda de pipas	Rua de Santo António	1900 ⁵⁷
Bartholomeu R. Rodrigues	Estabelecimento de fazendas (de lã, linho, algodão e seda)	Rua de S. Sebastião	Abriu no dia 2 de Maio de 1901 ⁵⁸
Fernando Alvares Romero	Botequim (venda de bebidas e gelo para casas particulares)		1901 ⁵⁹
Fernando Alvares Romero	Botequim / Mercenarias e quinquilharias	Largo de São Francisco	1902 ⁶⁰
Sebastião Martins Peres Gomes	Estabelecimento de fazendas / Mercearia / Fábrica de cravos e ferraduras / Depósito de tabaco	Largo de São Francisco	1902 ⁶¹
Domingos Rodrigues Marques (antiga casa Formozinho)	Estabelecimento de fazendas / Mercearia / Vidros / Leitos de ferro	Rua da Praça, 53-57	1902 ⁶²
Marcos Domingues Martins	Estabelecimento de fazendas / Mercearia / Vidros / Leitos de ferro / Louças /	Rua da Barbacã	1902 ⁶³

(cont...)

50. Cf. *ibidem*, n.º 1, de 4 de Agosto de 1898, p. 4.

51. Cf. *ibidem*, n.º 15, de 10.11.1898, p. 3.

52. Cf. *ibidem*, n.º 72, de 21.12.1899, p. 1.

53. Cf. *ibidem*, n.º 77, de 25.01.1900, p. 2.

54. Cf. *ibidem*, n.º 105, de 9.08.1900, p. 1.

55. Cf. *ibidem*, n.º 134, 24.08.1902, p. 3.

56. Cf. *ibidem*.

57. Cf. *ibidem*, n.º 108, de 31.08.1900, p. 3.

58. Cf. *ibidem*, n.º 130, de 9 de Maio de 1901, p. 1.

59. Cf. *ibidem*, «Contra o Calor», n.º 137, de 27 de Junho de 1901, p. 2.

60. Cf. *Folha do Sul*, n.º 5, de 2 de Fevereiro de 1902, p. 2.

61. Cf. *ibidem*, p. 4.

62. Cf. *ibidem*, n.º 9, 2.03.1902, p. 3.

63. Cf. *ibidem*.

(...cont.)

Proprietário	Comércio	Morada	Ano do primeiro anúncio
Domingos Roiz Marques	Venda de uma construção alta na rua de Portugal e travessa da rua Ancha		1902 ⁶⁴
Fernando Alvares Romero	Loja de bebidas (a partir de hoje começa a vender a cerveja Pilsinfr, gelada e com pressão / Venda de gelo / Venda de sorvetes	Largo de São Francisco	1902 ⁶⁵
Ventura Barbosa	Cervejaria		1902 ⁶⁶
Martins Peres Gomes	Vende uma moradia na rua Direita em Quarteira		1902 ⁶⁷
Manoel Rodrigues Corrêa	Armazém de Fazendas de Algodão, Linho, Lã e Seda, nacionais e estrangeiras	Rua de São Sebastião - Loulé	1903 ⁶⁸
Manoel Rodrigues Corrêa	Agencia da Companhia de Tabacos de Portugal nos concelhos de Loulé e Albufeira	Rua de São Sebastião - Loulé	1903 ⁶⁹
Manoel Rodrigues Corrêa	Armazém de cereais, vinho e aguardante	Rua de São Sebastião - Loulé	1903 ⁷⁰
Bartholomeu R. Rodrigues	Novo estabelecimento de fazendas de lã, algodão e sedas. Leitos de ferro.	Rua de São Sebastião - Loulé	1903 ⁷¹
Fernando Alvares Romero	Doces especiais / Sortido de licores da acreditada fábrica de licores do século XX / Cafés / Cervejas / Mercarias e quinquilharias	Largo de São Francisco	1903 ⁷²
Pablo Garcia Delgado	Leitos de ferro / Lavatórios / Malas para roupa / Trens de aluguel	Rua de São Sebastião, 72-74	1903 ⁷³
Domingues Rodrigues Marques (antiga casa Formozinho)	Fazendas / Modas / Mercaria / Vidros / Leitos / Coroas para funerais	Rua da Praça, 53-57	1903 ⁷⁴
Francisco Domingues Barbosa (Paco)	Adubos Químicos (marca Bordeaux) para terras calicentas e areias	Largo do Chafariz	1903 ⁷⁵

(cont...)

64. Cf. *ibidem*, n.º 12, 23.03.1902, p. 3.

65. Cf. *ibidem*, n.º 25, de 22.06.1902, p. 3.

66. Cf. *ibidem*, n.º 33, 17.08.1902, p. 3.

67. Cf. *ibidem*, n.º 44, 2.11.1902, p. 3.

68. Cf. *ibidem*.

69. Cf. *ibidem*.

70. Cf. *ibidem*, n.º 62, de 1.03.1903, p. 3.

71. Cf. *ibidem*, p. 4.

72. Cf. *ibidem*, n.º 64, de 22.03.1903, p. 3.

73. Cf. *ibidem*, n.º 78, 28.06.1903, p. 4.

74. Cf. *ibidem*, n.º 102, 13.12.1903, p. 4.

75. Cf. *ibidem*, n.º 104, 25.12.1903, p. 3.

(...cont.)

Proprietário	Comércio	Morada	Ano do primeiro anúncio
Pablo Garcia Delgado	Parelha de cavalos bem treinados	Rua de S. Sebastião, 72-74	1904 ⁷⁶
Francisco Domingues Barbosa (Paco)	Pipas e quartolas	Largo do Chafariz	1904 ⁷⁷
Formozinho Macias & Silva	Ourivesaria e relojoaria	Rua da Praça	1905 ⁷⁸
Domingos Rodrigues Marques	Loja de fazendas e mercearia (antiga Casa Formozinho)	Rua da Praça, 53-57	1905 ⁷⁹
Marcos Domingues Martins	Loja de fazendas	Rua da Praça	1905 ⁸⁰
Fernando Alvarés Romero	Venda de licores finos, vinho verde de Amarante e vários xaropes de capilé e salsa parilha	Rua da Praça, 26	1905 ⁸¹
Fernando Alvarés Romero	Gelo, sorvetes, gazozas e cerveja Plisner gelada	Rua da Praça, 26	1905 ⁸²
Francisco Domingues Barbosa (Paco)	Venda de pipas e quartolas	Largo do Chafariz	1905 ⁸³
Gomes & Móra	Loja de fazendas e de leitos de ferro		1905 ⁸⁴
Pedro Gomes Marques	Loja de fazendas e de leitos de ferro	Loulé	1906 ⁸⁵
Sebastião de Campos Mendonça	Chapelaria / Merceria e quinquilharias / Louças e vidros	Rua de São Sebastião, 26-28	1907 ⁸⁶
Bartholomeu R. Rodrigues	Loja de fazendas e móveis de ferro	Rua de São Sebastião	1908 ⁸⁷

76. Cf. *ibidem*, n.º 105, 3.01.1904, p. 3.

77. Cf. *ibidem*, n.º 159, 28.08.1904, p. 3.

78. Cf. *Folha de Loulé*, n.º 5, de 7.05.1905, p. 4.

79. Cf. *ibidem*.

80. Cf. *ibidem*, n.º 6, de 14.05.1905, p. 4.

81. Cf. *ibidem*, de 4.06.1905, p. 3.

82. Cf. *ibidem*, n.º 11, de 18.06.1905, p. 2.

83. Cf. *ibidem*, n.º 23, de 10.09.1905, p. 4.

84. Cf. *ibidem*, n.º 25, de 24.09.1905, p. 4.

85. Cf. *ibidem*, n.º 56, de 13.05.1906, p. 3.

86. Cf. *ibidem*, n.º 103, de 28.04.1907, p. 3.

87. Cf. *Jornal de Annuncios*, n.º 65, de 30.04.1908, p. 1.

5. O estatuto sócio-económico e sócio-cultural da comunidade andaluza radicada em Loulé

A comunidade andaluza a residir em Loulé rapidamente alcançou um estatuto social muito significativo. Para tal, em muito terão concorrido duas situações: por um lado, o facto de ser uma comunidade numerosa; e, por outro, o facto de possuir um poderio económico e financeiro que a maior parte dos restantes louletanos não detinha, por força do seu empreendedorismo.

Por tal, até sensivelmente ao início da década de 1870 era bastante comum esta burguesia comercial casar entre si, por forma a perpetuar o estatuto socio-económico anteriormente conquistado. Para atestar este facto refira-se a existência de muitos filhos de Loulé com, pelo menos, dois apelidos andaluzes.

O estatuto social alcançado, por força do seu poderio económico, fez com que alguns dos seus representantes fizessem parte das comissões promotoras das duas maiores festas do concelho: as tradicionais Festas da Piedade – hoje em dia mais comumente designadas por Festas da Mãe Soberana – e o Carnaval Civilizado de Loulé.

Deste modo, sabe-se que dos treze elementos que compuseram a primeira Comissão Promotora do Carnaval Civilizado de Loulé, que teve a sua primeira edição em 1906, um deles era andaluz – Artur Gomes Pablos⁸⁸.

No que diz respeito às Festas da Piedade a sua presença faz-se sentir de um modo mais efectivo e permanente. Ao longo da década de 1910 é comum encontrar várias comissões promotoras das Festas da Piedade compostas por um ou por mais andaluzes; comissões promotoras, essas, nomeadas anualmente e compostas por cinco indivíduos residentes em Loulé. A título de exemplo refira-se que dos cinco elementos que compuseram a Comissão Promotora das Festas da Piedade de 1912 quatro deles eram descendentes (de 1.^a geração) de andaluzes: Bartholomeu Rodriguez y Rodrigues, Pablo Garcia Delgado, Pedro Gomes Marques e Ignacio Garcia Alvarez⁸⁹. Já para não referir nas várias características processionais por eles introduzidas nas Festas da Piedade⁹⁰; mas isso é uma outra história, é uma outra e bela história...

88. Cf. *Folha de Loulé*, de 4 de Fevereiro de 1906, p. 1.

89. Cf. «Festas em Loulé», in *O Algarve*, n.º 213, de 21 de Abril de 1912, p. 2 ou cf., igualmente, *O Algarvio*, n.º 6, de 28 de Abril de 1912, p. 3.

90. Sobre esta temática consulte-se os seguintes estudos: «Homens do Andor» e «Dicionário Mãesoberaneiro», in ALEIXO, João Romero Chagas, *Mãe Soberana. Estudos. Ensaios. Crónicas*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 2016, pp. 59-109.

BIBLIOGRAFIA:

Fontes manuscritas

Archivo General de la Administración de España (Alcalá de Henares)

- *Disposiciones para evitar que los respectivos súbditos eludan las obligaciones penales o del servicio militar*, Sección IX – Comercio, Emigración. Letras H-V, caixa 54/1703.

Arquivo Distrital de Faro

- *Livros de registos de baptismo da Paróquia de São Clemente, Loulé, 1851-1905*. Código de referência: PT/ADFAR/PRQ/LLE08/001

- *Livros de registos de baptismo da Paróquia de São Sebastião, Loulé, 1891-1905*. Código de referência: PT/ADFAR/PRQ/LLE09/001

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

- *Livros de registos de baptismo da Paróquia de São Clemente, Loulé, 1800-1851*. Código de referência: PT/ADLSB/PRQ/PLLE08/001

Biblioteca Privada do Dr. Alberto IRIA

- *Suplemento que fez o Bacharel Jozé Viegas de Andrade Auditor do Regimento de Infantaria de Lagos, ao Memoreal Económico, e Político sobre a Agricultura, Comércio, e Pescarias do Reino do Algarve*, de Abril de 1774, fls 41 e 41 v.º.

Fontes periódicas

Folha de Loulé, Loulé, 1905-1907.

Folha do Sul, Loulé, 1902-1905.

Jornal de Annuncios, Loulé, 1907-1910.

O Algarve, Faro, 1912.

O Algarvio, São Brás de Alportel, 1912.

O Pregoeiro, Loulé, 1898-1901.

Bibliografia

ALEIXO, João Romero Chagas, *Mãe Soberana. Estudos. Ensaios. Crónicas*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 2016.

BUTRÓN PRIDA, Gonzalo e SALDAÑA FERNÁNDEZ, José, «Algarve-Huelva-Cádiz: un eje clave en la Guerra de la Independencia», in *Erebea. Revista de Humanidades y Ciencias Sociales*, n.º 2, 2012, pp. 319-342.

CÁCERES FERIA, Rafael, «El Andévalo: Una Mirada Desde La Antropología», in AA. VV., *El Andévalo: território, história y identidade (actas de las I Jornadas del Patrimonio de El Andévalo, Alosno, Huelva, 19 y 20 Noviembre 2010)*, Huelva, Disputación de Huelva, 2011, pp. 39-55.

MAGALHÃES, Joaquim Romero, «Uma proposta das Luzes para a economia do Algarve», in *O Algarve na Época Moderna. Miunças 2*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra e Universidade do Algarve, 2012, pp. 305-319.

MARTINS, Isilda Maria Renda, *Loulé no século Vinte. 1.º volume – Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, Loulé, edições Colibri e Câmara Municipal de Loulé, 2001.

MIRA TOSCANO, Antonio, VILLEGAS MARTÍN, Juan, SUARDÍAZ FIGUERO, Antonio, *La batalla de Castillejos y la Guerra de la Independencia en el Andévalo Occidental*, Huelva, Diputación de Huelva, 2010.

SALDAÑA FERNÁNDEZ, José, «La Guerra de la Independencia en la Frontera Sur Hispano-Portuguesa: Un Espacio Para La Reflexión», in CARRIAZO RUBIO, Juan Luis (ed.), *Fortificaciones, Guerra y Frontera en el Marquesado de Gibraltor*, Huelva, Diputación Provincial de Huelva, Servicio de Publicaciones, 2012, pp. 265-295.